

DOSSIÊ

| Neoliberalismo
| e neofascismo

| Neoliberalismo e nazi-fascismo

OCTÁVIO IANNI*

Sob o neoliberalismo, recriam-se as condições e os ingredientes do nazifascismo. A despeito de se apresentarem como guardiães e arautos da democracia, afirmam e reafirmam o predomínio da economia, produtividade, competitividade, lucratividade e racionalidade instrumental. Identificam cartão de crédito e consumismo com cidadania, concentração do capital com progresso, multiplicação de corporações com cosmopolitismo, desterritorialização das forças produtivas com ocidentalização do mundo, disneylândia global com o fim da história. É evidente o predomínio da lógica do capital em praticamente todas as esferas da vida social. Sob vários aspectos, o neoliberalismo implica a crescente administração das atividades e idéias de indivíduos e coletividade. Algo que se desenvolve com o fascismo e o nazismo, nas décadas de vinte, trinta e quarenta, continua a desenvolver-se no curso da Guerra Fria e subsiste depois desta. De modo difuso ou organizado, incipiente ou evidente, são diversos os ingredientes nazi-fascistas presentes no jogo das forças sociais que se desenvolvem com a globalização neoliberal, pelo alto.

O predomínio do neoliberalismo, como prática e ideologia, leva consigo não só uma guerra sem fim contra o socialismo, mas também contra a social-democracia. Manteve e mantém uma campanha inexorável contra tudo o que possa ser ou parecer “social”, de modo a priorizar tudo o que possa ser ou parecer “econômico”. Em lugar do planejamento, o mercado; em substituição ao coletivismo, o individualismo; em vez de socialismo ou social-democracia, o capitalismo; mas sempre preservando e aperfeiçoando o planejamento das corporações transnacionais e das organizações multilaterais, inclusive para fazer face às crises do capitalismo. Essa já era uma linha mestra de atuação do liberalismo no século XIX dezanove e boa parte do atual. Essa tem sido e continua a ser a linha mestra do neoliberalismo, durante e depois da Guerra Fria. A globalização de que se fala em todo o mundo significa principalmente globalização do capitalismo, mas de um capitalismo no qual predomina o

* Professor do Departamento de Sociologia da Unicamp.

neoliberalismo, sempre combatendo duramente tudo o que é social tanto no socialismo como na social-democracia.

De acordo com a ideologia e prática do neoliberalismo, trata-se de alterar hábitos, atitudes, expectativas, procedimentos, instituições e ideais, de modo a abrir ao máximo os espaços para o mercado, a iniciativa privada, a empresa, a corporação e o conglomerado. Deixar que os “fatores da produção” desenvolvam-se livre e abertamente, além dos territórios e fronteiras, de tal maneira que o florescimento do capitalismo propicie o florescimento da “liberdade”. Tudo deve ser condicionado à dinâmica da economia, do mercado, dos fatores da produção, da livre iniciativa, da corporação, da acumulação, da reprodução ampliada do capital, de tal modo que tudo o que possa ser social, político e cultural seja visto como encadeado, influenciado ou determinado pela dinâmica da economia.¹

Essa tem sido e continua a ser a fábrica de tensões, fragmentações e contradições, na qual se produzem e reproduzem os grupos e as classes subalternos, as subclasses, o desemprego estrutural, o pauperismo e a lumpenização. Daí as reivindicações, os protestos e as lutas sociais, com freqüência mesclados de etnicismos, xenofobias, racismos, sexismos, fundamentalismos e outras expressões das desigualdades sociais multiplicadas pelo mundo afora.

Simultaneamente, essa tem sido e continua a ser a fábrica na qual se produzem as ideologias e as práticas nazi-fascistas. A mesma guerra do neoliberalismo contra a social-democracia e o socialismo, agravando e generalizando as tensões, contradições e lutas sociais, favorece a fabricação e a generalização de ideologias, organizações e práticas nazi-fascistas.

A cultura nazi-fascista não pode ser vista como algo exclusivo da Alemanha de Hitler, da Itália de Mussolini e do Japão de Hiroito. Revelou-se também na Áustria, França, Inglaterra, Espanha, Portugal, ressoando inclusive em países latino-americanos, asiáticos e africanos. Formou-se em uma conjuntura mundial de crise social de ampla envergadura, compreendendo a economia, a política e a cultura, no curso da década de 20 e continuando nas décadas posteriores. Foi também uma reação ao ascenso da revolução social organizada com base em idéias socialistas, comunistas ou marxistas. Sob certo aspecto, a vitória da revolução bolchevique na Rússia e as explosões revolucionárias na Alemanha, Itália e outras nações, dando continuidade à guerra civil já embutida na Primeira Guerra Mundial (1914-18), tudo isso propiciou a organização e a dinamização de forças sociais conservadoras, reacionárias, fascistas e nazistas em diferentes países.

1. Milton Friedman, *Capitalismo e liberdade*, Abril Cultural, São Paulo, 1984; Friedrich A. Hayek, *O caminho da servidão*, 2ª edição, Editora Globo, Porto Alegre, 1977.

Sob vários aspectos, a Segunda Guerra Mundial (1939-45) não é apenas uma decorrência da grande crise econômica mundial iniciada com o *crash* da Bolsa de Nova York em 1929. É também o produto do agravamento das tensões e contradições entre nações imperialistas, ou com vocação imperialista, bem como de tensões e contradições de classes em âmbito internacional. Nesse sentido é que a Guerra Civil Espanhola (1936-39) pode ser vista como a eclosão de uma vasta guerra civil mundial, atravessada por guerras de nações. Uma guerra civil desdobrando-se pelas décadas seguintes, compreendendo a Guerra Fria (1946-89).

Sim, é possível dizer que o nazi-fascismo desenvolve-se pelo mundo afora desde a Primeira Guerra Mundial. Com altos e baixos, transforma-se em uma ativa e agressiva cultura política, envolvendo os interesses dos grupos e classes ou blocos de poder dominantes, em geral mobilizando setores sociais médios e, em certos casos, também operários e camponeses. Tem sido simultaneamente: regime político, cultura política, técnica de conquista e manutenção do poder, modo de organização e mobilização de setores subalternos e mitos racistas de eugenia ou purificação racial. No caso da Alemanha nazista, levava consigo o mito do arianismo, da raça superior, eleita, cumprindo sua “missão civilizatória” em povos e nações aliados, cooptados ou conquistados. Algo semelhante irrompe aqui e acolá em diferentes países, no curso do século XX. Em distintas gradações, devido às peculiaridades socioculturais, econômico-políticas e históricas de cada país, o nazi-fascismo tem sido uma corrente política mais ou menos presente e ativa em diversas partes do mundo. Pode ser visto como tendência sempre presente, umas vezes ativa e outras subjacente, em distintas sociedades de classe, burguesas, capitalistas. Ainda que os grupos e classes ou blocos de poder dominante nessas sociedades com frequência afirmem o seu compromisso neoliberal com a democracia, a liberdade, o livre comércio e o mercado, a verdade é que a sua “religião” tem sido o nazi-fascismo. Marx e Engels disseram, no século dezenove, que o bonapartismo era a verdadeira “religião” da burguesia. No século vinte, talvez se possa dizer que o nazi-fascismo tem sido ao menos uma das religiões das classes, grupos ou blocos de poder dominantes.

São freqüentes os surtos de nazi-fascismo no século XX, em diferentes partes do mundo. Sob a Guerra Fria, foi amplamente cultivado, propagado e aplicado, principalmente pelos governantes norte-americanos, nos desenvolvimentos da sua “diplomacia total”. Enquanto uma contra-revolução mundial permanente, a Guerra Fria apoiou-se continuamente nas técnicas políticas de tipo nazi-fascista. Sob vários aspectos, a Guerra Fria foi uma época de polarizações ideológicas radicais, maniqueístas, posta em prática pelos governantes dos Estados Unidos e de países europeus; e secundada pelos governantes da União Soviética. Uma guerra na qual os Estados Unidos, a Europa Ocidental e o Japão acabaram vencendo a União Soviética e provocando a debacle do mundo socialista.

Esse o contexto em que os governantes dos Estados Unidos dedicam-se a organizar e promover a desestabilização de governos, os golpes de Estado, os bloqueios econômicos. Tanto se protegem e sustentam tiranos como se criminalizam organizações e manifestações de grupos e classes subalternos; tanto se incentiva a militarização do poder político governamental como se promovem os grupos paramilitares clandestinos destinados a operação de terrorismo político.

A “diplomacia total” desenvolvida pelos Estados Unidos durante a Guerra Fria compreendia a criação, recriação e difusão de ingredientes nazi-fascistas. São ingredientes presentes não somente na atuação dos governos norte-americanos no que se chamou de Terceiro Mundo, mas também no próprio interior dos Estados Unidos. O macarthismo dos anos 50 e 60 revela-se nitidamente uma versão norte-americana de nazi-fascismo. Isto é, a mesma guerra ideológica montada contra a União Soviética e as revoluções nacionais e sociais nos países do Terceiro Mundo, germinou no interior da sociedade norte-americana a intolerância e o fundamentalismo, ou a satanização de outras formas de organização da vida e trabalho, tanto quanto de modos de ser e pensar.²

Mas essa cultura continua a germinar após o término da Guerra Fria; e manifesta-se em diversas sociedades, inclusive do ex-Primeiro Mundo. Na época em que se intensificam e generalizam os processos e as estruturas da globalização, compreendendo migrações, desemprego estrutural, xenofobias, etnicismos, racismos e fundamentalismos religiosos e culturais, reativam-se as manifestações nazi-fascistas nos Estados Unidos, Alemanha, França e outras nações.

O capitalismo global não fermenta apenas o neoliberalismo, fermenta também o nazi-fascismo. O nazi-fascismo pode ser visto como um produto extremo e exacerbado das mesmas forças sociais predominantes na fábrica da sociedade mundial administrada em moldes neoliberais. Uma fábrica na qual se fabricam e refabricam desigualdades, tensões e contradições atravessando todo o edifício.

O neoliberalismo parece radicalizar o “desencadeamento do mundo”, mas desenvolvendo principalmente as práticas e as idéias mais características da “razão instrumental”. Muito do que são as formas de sociabilidade em todos os níveis e em âmbito local, nacional, regional e mundial tende a ser equacionado em termos tecnocráticos. Sob o neoliberalismo, como prática e ideologia desenvolvem-se muitíssimo, as

2. Lillian Hellman, *A caça às bruxas*, de Tonie Thonson, Livraria Francisco Alves Editora, Rio de Janeiro, 1981; Noam Chomsky e Edward S. Herman, *Banhos de sangue*, trad. de Maria do Carmo Pizarro, Difel, São Paulo, 1976; Martin Walker, *The Cold War*, Vintage, Londres, 1993; David Horowitz, *From Yalta to Vietnam*, Pilican Book, Londres, 1971; Richard J. Barnett, *Intervention and revolution*, Meridian Books, Nova York, 1968.

técnicas de organização, produção, administração, informação, comunicação e controle das atividades sociais em geral, compreendendo a economia, a política e a cultura, em quase tudo é material e espiritual, ou real e imaginário. Os princípios da eficácia, produtividade, competitividade e lucratividade, lado a lado com a racionalização das instituições, organizações, empresas e corporações públicas e privadas, nacionais e transnacionais, tendem a generalizar-se e a predominar. As tecnologias de todos os tipos, das mecânicas às eletrônicas, das reais às virtuais, multiplicam-se em escala acelerada, influenciando a produção, comunicação, informação e controle. Aos poucos, tudo parece organizado e em movimento, em âmbito mundial, como uma vasta e complexa teia de redes atravessando as coisas, as gentes e as idéias.³

O mundo neoliberal tende a ser não só um mundo sistêmico mas também tecnocrático; mesmo porque ambos fundam-se na mesma razão instrumental. Sendo assim, está composto o ambiente e o cenário das organizações, redes, *internets* e outras modalidades de articulação, agilização, administração, produção, controle e mando que garantem a vigência e o predomínio das associações, blocos ou estruturas mundiais de poder. Aos poucos, os “progressos” das tecnologias de todo tipo garantem a vigência, o predomínio e a abrangência de formas autoritárias, autocráticas ou simplesmente totalitárias de gestão das formas de produção, circulação, troca e consumo, em âmbito local, nacional, regional e mundial.

Uma parte importante da cultura nazi-fascista aparece na indústria cultural. O modo pelo qual essa indústria lida com os fatos e os elementos que os compõem, com freqüência implica na exacerbação da violência, em detrimento de outros significados também fundamentais dos mesmos fatos, ainda que brutais. Sendo que essa exacerbação de aspectos “surpreendentes”, “chocantes”, “brutais” ou “violentos” tem sido enfatizada pela manipulação da imagem. A imagem, uma força excepcional de comunicação, tem sido exacerbada ou hipertrofiada pela indústria cultural, de modo a causar impacto, desafiar as emoções de espectadores e audiências. Isso é o que se pode observar em filmes, vídeos, reportagens, novelas, programas de auditório. O apelo a cenas surpreendentes e impactantes logo traz consigo cenas chocantes ou brutais. Ocorre uma espécie de estetização da violência. São cenas ou seqüências inspiradas em fatos ou ficções, por meio dos quais é exacerbada a brutalidade colorida, sonora, plástica, multimídia; tudo altamente estetizado.⁴

3. Manuel Castells, *The rise of the network society*, Blackwell Publishers, Cambridge, 1996.

4. Win Wenders, *Emotion pictures*, Edições 70, Lisboa, 1989; Cynthia Schneider e Brian Wallis (Organizadores), *Global television*, Wedge Press, Cambridge, Mass., 1988; Wilson Bryan Key, *A era da manipulação*, trad. de Lara Biderman, Scritta Editorial, São Paulo, 1993.

Nesse sentido é que a indústria cultural tem sido, também, uma ativa fábrica da cultura nazi-fascista. Com frequência prioriza, enfatiza ou exacerba uma dimensão dos fatos, do que se pode considerar como um registro de acontecimentos, mas acentuando apenas, ou principalmente, um aspecto, precisamente o que se supõe como espetacular ou o que se fabrica como espetacular. Aí pode florescer uma parte importante da cultura nazi-fascista, o culto da violência, alimentando a subjetividade de leitores, espectadores e audiências em todo o mundo.

Em escala crescente, aplicam-se conhecimentos científicos na administração das formas de sociabilidade e de comportamento, assim como no jogo de forças sociais. Aqueles que detêm os instrumentos de poder, não só econômicos e políticos, ou técnicos e administrativos, mas também culturais, dedicam-se a aprimorar e desenvolver as mais diversas técnicas sociais, de modo a aprimorar e desenvolver a produção e reprodução da sociedade, em todos os seus níveis. São técnicas de produção e reprodução que operam, simultaneamente, como técnicas de controle, administração, tutela, manipulação, regulação, de conformidade com o jogo de forças sociais dominantes, presentes e ativas.

A luz do que aprendemos ultimamente, tornou-se evidente que o controle das atitudes divergentes pela repressão, no final de contas, é menos eficaz do que o controle pelo reforçamento das atitudes de satisfação por meio de recompensas. No conjunto, enquanto técnica de governo, o terror é menos eficaz do que a manipulação não violenta do meio, dos pensamentos e dos sentimentos do indivíduo.⁵

É assim que se dá a drástica e brutal, ou paulatina e sutil, metamorfose das técnicas de organização, produção e administração, em técnicas de dominação e apropriação, compreendendo não só a economia e a política, mas também a cultura, em geral mobilizando conhecimentos científicos diversos transformados em técnicas e tecnologias que parecem organizatórias, produtivas e administrativas.

Chegamos à convicção de que a sociedade se desenvolverá no sentido de um mundo administrativo totalitariamente. Que tudo será regulado, tudo!... Então será possível regular-se tudo automaticamente, seja quando se trata da administração do Estado, seja quando se trata da regulamentação do tráfico ou da regulamentação do consumo.⁶

5. Aldous Huxley, *Retour au meilleur des mondes*, Pocket n° 1645, Paris, 1996, p. 11. Citado por Ignacio Romanet, "L'idéal démocratique dévoyé", *Le Monde Diplomatique*, Paris, maio de 1997, p. 11.

6. Max Horkheimer, *Sociedad en transición* (Estudios de Filosofía Social), Ediciones Peninsula, Barcelona, 1976, cap. 5, "La teoría crítica, ayer y hoy", p. 59. Consultar também: Herbert Marcuse, *A ideologia da sociedade industrial*, trad. de Giasone Rebusa, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1967.

Na medida em que se desenvolve o capitalismo, intensiva e extensivamente, desenvolvem-se todos os tipos de tecnologias mecânicas e eletrônicas, organizatórias e sociais, produtivas e virtuais, destinadas a desenvolver a produção, comercialização e consumo, tanto quanto a administração, a regulação e o controle, em todos os setores da vida social, em âmbito nacional e mundial.

Está em curso o processo de “desencantamento do mundo”, mas com base na intensificação e generalização de práticas e idéias inspiradas na razão instrumental; traduzidas em pragmatismo, racionalização, modernização, etc. Nos termos em que se realiza, essa racionalidade aperfeiçoa, intensifica e generaliza os desenvolvimentos das forças produtivas, compreendendo o capital, a tecnologia, a força de trabalho, a divisão do trabalho social, o mercado, o planejamento e a violência organizada e concentrada. Simultaneamente, expandem-se as tecnologias publicitárias e a indústria cultural, esferas nas quais combinam-se muitos dos elementos materiais e culturais constitutivos da sociabilidade e racionalidade, produtiva e lucratividade, consumismo e cidadania, ou felicidade e humanidade, próprios das práticas e ideais do neoliberalismo.

Por dentro desse mundo sistêmico, governado principalmente pela razão instrumental operada segundo os interesses das organizações, corporações, estruturas ou blocos de poder com os quais se dá a globalização pelo alto, por dentro desse mundo sistêmico multiplicam-se e generalizam-se as desigualdades e intolerâncias de todo os tipos. Desenvolvem-se fundamentalismos religiosos, políticos e culturais, por meio dos quais manifestam-se o europeísmo, o americanismo, o cristianismo e o ocidentalismo, apresentados como diferentes e superiores às formas socioculturais asiáticas, africanas e latino-americanas.

Satanizam-se os “outros” povos, compreendendo tribos e nações, culturas e civilizações. Criminalizam-se indivíduos e coletividades, ou povos, tribos e nações, de modo a segregá-los, confiná-los e dominá-los; sempre em nome da modernização, ocidentalização e cristianização, em geral colaborando com o florescimento e a expressão do capitalismo.⁷

Por dentro desse mundo sistêmico, germinam as desigualdades e os antagonismos, atravessando tribos, nações e nacionalidades, territórios e fronteiras, continentes, ilhas e arquipélagos. O mundo todo revela-se atravessado pelo desemprego estrutural, as subclasses, o pauperismo, a lumpenização, a xenofobia, o etnicismo, o racismo, o fundamentalismo, o terrorismo de estado, a criminalização de setores sociais subalternos, a satanização dos “outros”. Simultaneamente, esses fenômenos manifestam-

7. Samuel P. Huntington, *O choque de civilizações (e a recomposição da ordem mundial)*, trad. de M. H. C. Côrtes, Objetiva, Rio de Janeiro, 1997; Zbigniew Brzezinski, *Out of control (Global turmoil on the eve of the 21st century)*, A Touchstone Book, Nova York, 1995.

se em todas as partes do mundo, nas sociedades subalternas e nas dominantes, periféricas e centrais, ao Sul e ao Norte. O que se apresentava imaginariamente como distante das e alheios às nações dominantes, como se estas fossem naturalmente imunes, logo se revela geral e mundial, já que são produtos da mesma fábrica global.

Lancemos um olhar sobre o mapa-mundi. Podemos localizar as guerras em regiões longínquas, principalmente no Terceiro Mundo. Falamos de subdesenvolvimento, anacronismo, fundamentalismo. Parece-nos que a incompreensível luta transcorre a grande distância. Mas isso é engano. Há muito que a guerra civil penetrou nas metrópoles. Suas metáteses pertencem ao cotidiano das grandes cidades, não só de Lima e Johannesburgo, de Bombaim e Rio de Janeiro, mas de Paris e Berlim, Detroit e Birmingham, Milão e Hamburgo. Dela não participam apenas terroristas e agentes secretos, mafiosos e *skinheads*, traficantes de drogas e esquadrões da morte, neonazistas e segurança, mas também cidadãos discretos que à noite se transformam em *hooligans*, incendiários, dementes violentos e *serial killers*. Como nas guerras africanas, esses seres mutantes são cada vez mais jovens. Enganamo-nos em acreditar que vivemos em paz só porque podemos ir à padaria sem que sejamos atingidos pelos disparos de um franco-atirador. A guerra civil não vem de fora; não é um vírus adquirido, mas um processo endógeno. (...) Em nível mundial trabalha-se no fortalecimento de fronteiras contra os bárbaros. Mas no interior das metrópoles formam-se também arquipélagos de segurança rigorosamente guardados. Nas grandes cidades americanas, africanas e asiáticas já existem há tempos os *bunkers* dos felizardos, cercados por altos muros e arame farpado. Às vezes são bairros inteiros, nos quais se pode entrar apenas com permissões especiais. A passagem é controlada por barreiras, câmaras eletrônicas e cães treinados. Guardas armados de metralhadoras complementam de suas torres a segurança da região. O paralelo com os campos de concentração é evidente, com apenas a diferença de que aqui é o mundo exterior que é visto como zona potencial de extermínio. Os privilegiados pagam pelo luxo com o total isolamento: eles se tornaram presas de sua própria segurança.⁸

Em diferentes segmentos da sociedade global, o nazi-fascismo tem sido intermitente, difuso, esporádico e evidente. Há organizações, partidos políticos e movimentos sociais nazi-fascistas nos Estados Unidos, Alemanha, França e outras nações ocidentais ou ocidentalizadas. Também no Japão, Coréia do Sul e Indonésia têm-se manifestado práticas e idéias desse tipo. Na mesma medida que a globalização do capitalismo sacode os territórios e as fronteiras, abalando simultaneamente os quadros sociais e mentais de referência, nessa mesma medida a globalização provoca ou mesmo facilita ressurgências. São localismos e regionalismos de todos os

8. Hans Magnus Enzensberger, *Guerra civil*, trad. de Marcos Branda Lacerda e Sérgio Flaksman, Companhia das Letras, São Paulo, 1995, p. 15 e 40. Consultar também: Noam Chomsky, *Novas e velhas ordens mundiais*, trad. de Paulo Roberto Coutinho, Scritta, São Paulo, 1996; "Doctors without borders", *World in crisis (The politics of survival at the end of the 20th century)*, Routledge, Londres, 1997.

tipos que se manifestam, juntamente com racismo e fundamentalismo ou metamorfoses de darwnismos sociais e arianismos.

Esse é o clima no qual se desenvolve todo um vasto e sofisticado processo de satanização do islamismo. A pretexto de combater o fundamentalismo ou integralismo, satanizam-se indivíduos, coletividades, povos, nações e nacionalidades, em geral árabes ou islamizados.

O que está em jogo, nesses casos, não é apenas a religião, mas também ela. Estão em jogo as bases econômicas desses países, os seus regimes políticos, as suas organizações e empresas nacionais, os seus significados nas cartografias geopolíticas dos Estado Unidos, Alemanha, França, Inglaterra, Japão, Rússia e China. Para alguns desses governos e para muitas corporações transnacionais, o que está em causa é a reabertura de fronteiras econômicas. Trata-se de contornar, acomodar, submeter ou destruir os obstáculos socioculturais, políticos e econômicos à expansão do capitalismo.

Esse é o contexto no qual se desenvolve a satanização do islamismo em geral e do fundamentalismo em especial. E essa é uma satanização que se realiza não somente em nome do secularismo, ou da substituição da religião pela política, como fundamento da organização nacional; é uma satanização na qual se busca difundir o cristianismo como religião mundial.⁹

9. Gilles Kepel, *A revanche de deus (cristãos, judeus e muçulmanos na reconquista do mundo)*, trad. de J. E. Smith Caldas, Siciliano, São Paulo, 1991.

IANNI, Octavio. Neoliberalismo e nazi-fascismo. *Crítica Marxista*, São Paulo, Xamã, v.1, n.7, 1998, p.112-120.

Palavras-chave: Neoliberalismo; Nazi-fascismo; Religião; Islamismo.